

Do contemporâneo: o tempo na história do presente

About the contemporary: time in present's history

Luis Artur Costa; Tânia Mara Galli Fonseca

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

O presente artigo trabalha o conceito de tempo a partir da perspectiva da *história do presente* de Michel Foucault. Assim, problematiza e define o conceito de contemporaneidade, confrontando-o com outros como modernidade, presente, atualidade. Deste modo, apresenta a especificidade do tempo contemporâneo: sua ligação com a coexistência de temporalidades virtuais diversas que se atualizam em um presente híbrido e sempre desconstruído pela percepção de sua historicidade. Pretende-se, com isso, demonstrar a importância da concepção de contemporâneo, enquanto definição de modo temporal, para as práticas das ciências humanas atuais, já que essas se defrontam com a consciência da construção histórica de seus objetos, tornando necessário o uso de métodos como o definido pela genealogia foucaultiana.

Palavras-chave: Contemporâneo; Tempo; História do presente; Foucault; Pós-modernidade.

ABSTRACT

The present paper works time concept from the perspective of present's history from Michel Foucault. It probes and defines the contemporaneity's concept, confront it with other concepts like modernity, present, actuality. It presents the specificity of the contemporary time: its connection with the coexistence of several virtual temporalities that make themselves actual in a hybrid present and always deconstructed by its historicity perception. It tries to demonstrate the importance of the contemporary conception as definition as a temporal mode, for the actual human science practices now that these sciences face themselves with the conscience of the historical construction of their objects, making necessary the use of methods like the one defined by the foucaultiane genealogy.

Keywords: Contemporary; Time; Present's history; Foucault; Postmodernity.

TEMPORALIDADE E CIÊNCIAS HUMANAS

Infindáveis trabalhos, hoje, perguntam que tempo é este no qual vivemos e suas características. O termo *contemporâneo* se multiplica em rios de tinta tipográfica, ilustrando livrarias do mundo todo. *Aquilo* no contemporâneo, *isso* e contemporaneidade são proposições íntimas do estudioso das chamadas ciências humanas. Tamanho é seu uso, por tantas vezes e de tantos modos o encontramos diante do nosso olhar, que se torna aparentemente óbvio o seu significado. No entanto, quanto mais corrente e auto-evidente um conceito, mais difícil se torna a sua clara elucidação. Como falar daquilo que todos já sabem o que é e do que não há como falar, já que se esconde por sobre a proximidade, a capa do já sabido que cobre com obviedade a construção dos conceitos cotidianos? A fim de não incorrer em tal ingenuidade conceitual, propomos que nos atenhamos durante algumas páginas sobre os sentidos que parecem dar vida a esta palavra que transpassa este estudo: o contemporâneo. Pois, por intermédio de sua melhor elucidação, torna-se mais claro o tipo de relação que algumas correntes das ciências humanas buscam com o tempo ao *desnaturalizar* práticas dos nossos tempos em suas pesquisas.

Uma ética para com o presente

Perguntar quem somos em nosso tempo, este é o ímpeto mais geral que move a criação deste trabalho. Qual é esse tempo que nos constitui e quem somos nós que constituímos esse tempo? Que complexidade de matizes furta-cor pinta os *pixels* da tela do hoje, de cores sempre em fuga de uma visão que as ordena em palheta? Nesta trama, cerzida pelo conectivo interrogativo "e?", temos a composição de nossa questão: "o que/como é a atualidade?". O "agora" e o "nós": "este presente ao qual pertencemos" (FOUCAULT, 1989, p. 104-105), essa pressão decorrente da coexistência consigo mesmo, são as forças que nos levam a inquirir o arranjo que compartilhamos com nossos contemporâneos, buscando o que é específico aí em uma "história do presente" (FOUCAULT, 1987, p. 29). Implicamo-nos, então, na questão, pois participamos, inventamos e reinventamos este presente no mesmo momento em que buscamos escrever sobre ele.

No entanto, para fazermos tal pergunta, devemos tomar certas precauções para não redundarmos em certos modos de pensar o homem em seu tempo que constituem imposturas éticas para com o presente, já que este trabalho se pretende como uma estratégia que possibilite uma cultura do cuidado-de-si (FOUCAULT, 2004), uma produção do saber catalisadora de uma ética do desassossego.

Primeiramente, pode-se ressaltar que não se trata da reprodução de uma época qualquer. Não se pretende capturar o fotograma de um período passado, presente ou futuro, criar uma cápsula do tempo que paralisa um momento congelado em suas minúcias com uma historiografia criogênica. Tampouco se pretende uma viagem ao centro da terra, a busca do elo perdido, o encontro da origem de um fenômeno ou modo qualquer. A definição de uma fonte sob toneladas de destroços do passado na enchente do presente, aqui, não passa de mais uma forma de se querer essências, assim como a busca de englobar a diversidade de expressividades do passado ou presente (arte, economia, habitação, política etc.) a partir de uma estilística única, como na história das idéias (FOUCAULT, 1997).

Outro cuidado para salvaguardar a inquietude deste trabalho perante o tempo é o de não imprimir um sentido unívoco e total sobre este. Evitar ficar doente de história (NIETZSCHE, 1999a), saudosista de um passado ou esperançoso da salvação futura. Prisioneiro do visto e do antevisto, impossibilitado de ver e de viver o presente que se encontra esvaziado em uma memória marcada a fogo por uma dívida voltada à realização teleológica do progresso, do apocalipse ou da salvação para além do tempo, adormecida na eternidade (NIETZSCHE, 1999b).

Nada de obter superestruturas, representações englobantes, totalizantes do tempo e da história em "um" sentido. Mas investigar as interações entre práticas em seus atravessamentos múltiplos e parciais, ficcionando um percurso lacunar, sem origem ou fim, para erigir operadores estratégicos de intervenção sobre os arranjos das ações e vontades, em suas guerras e alianças, que constituem a todo instante o presente.

"O que é nossa atualidade? Qual é o campo atual das experiências possíveis?" (FOUCAULT, 1989). O que é (ontos) e qual o campo das experiências possíveis (epistême), duas perguntas que se encontram em uma unidade paradoxal onto-epistêmica. O perguntar-se sobre o tempo intensivo (BERGSON, 1964),

esse tempo todo colapsado em uma atualização específica e dinâmica sobre o plano do presente com o objetivo de intervir nos fluxos deste, segundo uma perspectiva em busca das linhas de fuga, o como não ser governado de tal modo (FOUCAULT, 1990).

Questionar-se sobre as razões, ou melhor, as racionalidades que justificam e as estilísticas e estratégias do fazer justificado (pelo estado, ciência, cidadão etc.), ou seja, não se perguntar sobre as causas das práticas, mas sim sobre as logicidades que se imbricam para dar consistência às mesmas. Visto que não existem causas suficientes e necessárias, funções de origem que perdurem no tempo e que sejam anteriores aos eventos. As práticas atrelam-se umas às outras formando jogos estratégicos na busca de sua afirmação, e em tais jogos, junto à afirmação das práticas, afirmam-se saberes, modos de pensar, estilos de racionalidades.

Tal questionar-se redonda em uma forma de produção do saber que não se cola à filosofia da história ou história da filosofia, é antes uma prática histórico-filosófica (FOUCAULT, 1990), que ficciona sua história colocando em questão sistemas de saber-poder, de captura-fuga, para podermos nos questionar quem somos afinal. Uma pergunta executada segundo as estratégias do que Foucault denomina *acontecimentalização* (FOUCAULT, 1990), um aproximar-se das conexões saber-poder que erigem sistemas de captura-fuga, achegando-se, de modo empírico e provisório, de um acontecimento presente, dando visibilidade por meio deste à heterogeneidade de dispositivos, mecanismos e estratégias que constituem a máquina social em questão. Perguntar da aceitabilidade e seus efeitos: a compreensão de um sistema de aceitabilidade em suas relações.

Correlativo à definição de um sistema de aceitabilidade, buscam-se as condições de possibilidade que dão emergência a esse mesmo sistema, seu ponto de ruptura em que é inventado, dando visibilidade à sua contingencialidade casual e à ausência de uma necessidade causal na sua formação: “[...] uma rede que dê conta dessa singularidade como efeito” (FOUCAULT, 1990, p. 35). Não um pensamento que se move na direção de uma origem unitária, univocante, mas sim uma genealogia que busca as diversas condições de possibilidade dispersas e relacionadas que permitem a constituição do arranjo de saber-poder. Sendo este posto em questão não se perguntando da *natureza* estática e essencial do próprio, mas sim perscrutando sua estilística própria e sempre cambiante, que é afirmada nas relações de interações entre ações individuais, grupais, coletivas e impessoais. Um procedimento denominado por Foucault de análise estratégica, que se correlaciona à arqueologia e à genealogia para pensar nesta, o que permite a *fuga*, a *resistência* e o que reconduz à *captura*.

Falando de arqueologia, de estratégia e de genealogia, eu não penso que se trata de pontuar aqui três níveis sucessivos que deveriam ser desenvolvidos uns a partir dos outros, mas antes de caracterizar três dimensões necessariamente simultâneas da mesma análise, três dimensões que deveriam permitir em sua simultaneidade mesma retomar o que há de positivo, isto é, quais são as condições que tornam aceitável uma singularidade cuja inteligibilidade se estabelece pelo reconhecimento das interações e das estratégias às quais ela se integra (...) Se produz como efeito, e enfim acontecimentalização no que tem a ver a alguma coisa cuja estabilidade, cujo enraizamento, cujo fundamento não é nunca tal que não se possa de uma maneira ou de outra, se não pensar em seu desaparecimento, ao menos identificar pelo quê e a partir de quê seu desaparecimento é possível. (FOUCAULT, 1990, p. 37).

O fim de tal empreitada não se encontra, portanto, na descoberta de falhas, erros, enganos ou mentiras que permitam um sistema de dominação, mas sim em visibilizar o campo do jogo das transações que permitem e induzem certas singularidades a se acoplarem a uma determinada máquina social que corta e ordena um território em estratégias que constroem um sistema de aceitabilidade, certa estilística existencial; e o campo de possibilidades de linhas de fuga do sistema. Sendo estas últimas não uma forma de retornar ao legítimo, mas antes um modo de subverter os efeitos em um campo estratégico que as induziu. A resistência não se dá por oposição, mas por transbordamento, a vida sempre está a inventar despreziosamente algo que não cabe nos esquemas dados. Assim, falamos, aqui, não de simples limites epistêmicos ao acesso a uma verdade justa e legítima, mas sim de limites existenciais, ontológicos. Falamos de novas possibilidades de ser.

Imagens do tempo

O tempo não é uma concepção homogênea e imutável. Na história da humanidade se pode afirmar que existiram diversos modos de construir uma relação com o movimento e o imóvel, com o eterno e o fugaz: distintas imagens do tempo. Dentre as diversas possibilidades de divisão das concepções de temporalidade em imagens definidas, podemos desenvolver a sua tripartição atrelada às transformações das tecnologias da informação (LÉVY, 1993): cíclico, linear e em rede.

O tempo cíclico assim seria compreendido em decorrência do modo dado pela tradição oral à continuação dos saberes. Coadunando-se com os ciclos da natureza, as gerações sucederiam umas às outras em um labor de repetir as antigas histórias. Ciclos de reafirmação de verdades tradicionais, que garantem sua persistência neste movimento circular de manutenção dos saberes. A eternidade, aqui, é o movimento da repetição, atributo temporal, e não externalidade do tempo. Ainda que, muitas vezes, dependa de entidades atemporais para que o movimento de sucessão dos ciclos sempre se repita.

Já com a escrita, cria-se um substrato permanente para os saberes. Não precisam mais ciclicamente serem reafirmados, pois se encontram fixados em superfícies razoavelmente estáticas: cera, pedra, papíro. Assim, os textos são escritos, lidos, e novos textos a partir destes são elaborados. Surgem locais para o acúmulo das superfícies inscritas, e adquire-se a noção de uma continuidade dos saberes que está para além da mera repetição: o acúmulo. Institui-se o tempo linear, tempo da sucessão dos instantes em uma direção, em um sentido único. Tal finalidade do tempo pode ser finita ou infinita, laica ou religiosa, catastrófica degradante ou salvadora edificante; mas sempre é uma flecha afirmando uma teleologia, a qual se relaciona com a eternidade enquanto algo externo a esta linha, mesmo que possa estar marcando suas extremidades.

Para além de uma divindade eterna que provê de ordem à sucessão de fugacidades, no texto de Kant, ao qual Foucault (1989) se refere, o que corta o caos da atualidade é um plano que se denomina modernidade, estilística multifacetada que sempre ultrapassa as tentativas de sua redução. Este plano se constitui por diversos modos de se relacionar com o caos das casualidades sem Deus, de modo a imprimir nestas um sentido universal e verdadeiro. Uma busca mundana pela eternidade e generalidade das essências que estão para além das aparências, mas aquém do espírito. Trata-se da invenção de uma transcendência que independe do mundo divino, pois é o próprio princípio ordenador presente na natureza mesma.

Para tal dualidade *ordem-caos*, foram tecidas diversas respostas modernas na tentativa de coordenar o último a partir do primeiro. A modernidade compreendia um sentido de progresso na história, uma teleologia que apontava uma flecha do tempo oposta à da entropia. Evidentemente, portanto, o que está mais à frente se encontra mais próximo da conclusão da história, ou, ainda, supondo-se que a subida, o acúmulo, são infinitos, o último instante será sempre o ápice do que há, deste modo se auto-evidencia a valoração do novo, do original.

A modernidade em sua objetivação do mundo não se resume a esta estilística universalista eterna. Em seu amor pelo novo, pela ruptura, trouxe ao seu estilo a fragmentariedade instável das diversas vanguardas artísticas e a multiplicação crescente de especialismos. No entanto, a estilística moderna, quando pode ser atribuída, reside nestes por ainda existir um centro de orbitação para o fragmentário, um sentido único para onde olharem, como no conceito de interdisciplinaridade: em que uma multiplicidade de olhares distintos se voltam a um fenômeno unívoco. Vê-se a complexidade caótica das coisas, mas intenta-se dar conta da verdade nestas com a multiplicação das perspectivas sobre a mesma.

Um conceito de perspectiva muito distinto do contemporâneo no qual cada olhar cria um mundo em embate com os demais (NIETZSCHE, 1999a). Um arranjo de forças em que as perspectivas, os mundos, são forjados nos encontros, embates e rearranjos. Não se trata de obter o máximo conhecimento, a verdade sobre um objeto, pela multiplicação de olhares distintos e isolados sobre o mesmo. Trata-se agora de transpassarem-se as diversas perspectivas que objetivam diversos objetos, não na busca da verdade sobre o mesmo, mas sim da complexificação das suas imagens.

Falamos agora de uma terceira imagem temporal: o tempo concebido enquanto rede. Rede intensiva, como as infovias em suas múltiplas atualizações parciais da quase ilimitada rede virtual de conexões do saber. Não se depende da repetição, pois o saber permanece existente sempre, mutando-se virtualmente na rede em diversas novas atualizações. E mesmo que repetição houvesse, repetição não seria, já que na rede não há redundância: a reafirmação do já dito sempre traz uma nova informação, assim como a aliteração na linguagem poética. Tampouco se pode afirmar uma direção em uma linha, pois as possibilidades de sentido e percurso são infundáveis, e atualizam-se a todo instante. Uma rede virtual sem limites, origens ou fins. Uma trama de tempo intensivo, a qual se percorre de forma complexa e híbrida.

No entanto, aqui e agora, ao perguntarmo-nos qual o sentido de nossa atualidade, em que somos atores-autores da mesma, nosso recorte estilístico do caos já não põe a modernidade e suas resoluções enquanto questão. Utilizamo-nos de outro termo muito em voga para substancializar a ontologia-epistemologia do nosso tempo: o contemporâneo. Perguntemo-nos agora sobre o agora de colocar o hoje em questão hoje. Que hoje, hoje, está em nós produzindo uma perspectiva sobre si? Como se fala deste presente neste presente que é falado? Qual o modo de inquirir o presente que vemos em nossa atualidade?

PRESENTE, ATUAL E CONTEMPORÂNEO

Passemos, então, a algumas diferenciações conceituais: por mais que *contemporâneo* seja utilizado muitas vezes como adjetivação para o que é atual, do mesmo modo que a qualificação *moderno* foi, seu sentido não se resume a *o que é hoje*, pois, quando se utiliza *contemporâneo* em vez de *hoje*, *atual* ou *presente*, há uma diferença que marca esta ação de outra que se remete a algo simplesmente pertencente ao hoje. Logo, sendo uma adjetivação específica, pressupõe-se que deve estar contida neste conceito uma determinada estilística que se torna visível com sua operação conceitual sobre o mundo. Não podemos tratar *contemporâneo* somente enquanto um sinônimo de *presente* e *atual*.

O conceito de presente marca o instante, aquilo que está no salto entre passado e futuro. É o que está lá no momento e no local referidos, o tempo em que as ações acontecem em seu tempo. No presente as coisas se presentificam no mundo entre as demais coisas que tomam parte na sucessão entre passado e futuro. No entanto, o presente também é o tempo verbal que exprime a atemporalidade de uma afirmação, a verdade eterna desta, como no caso de "duas vezes dois são quatro" ou "o quadrado é um quadrilátero". Assim vemos que "presente" pode falar tanto de uma presença concreta e fugaz quanto de uma presença abstrata e para além do tempo.

O presente pode ser visto enquanto instante vazio, mera impossibilidade de ser vivida. Aquilo que está sempre a ser capturado no fluxo do tempo pelo passado e futuro, sem nunca ser por si. Sendo assim, uma temporalidade a qual não se habita, como no caso do *homem do ressentimento* de Nietzsche, quando nos encontramos doentes de memória em um passado ou futuro teleológicos ou apocalípticos. Mas também pode ser visto como única temporalidade existente, o mundo das ações, aquilo que há. Assim, define-se enquanto platô temporal do existir ao qual tudo se refere, e no qual tudo existe, pois é aqui e agora que as forças se afirmam, sendo o amanhã e o ontem apenas variações deste presentificar.

O conceito de *atual*, por sua vez, aproxima-se desta última concepção de presente. O atual não se contrapõe ao passado e futuro, mas ao virtual, esta nuvem de possíveis sempre a circundar o que está a se realizar. O atual é assim, o instante gordo do mundo, pleno de virtualidades a lhe ultrapassarem as quais seguem recriando suas configurações. Passado das contingências e futuro das possibilidades colapsado em um ponto denso de virtualidades a serem atualizadas em um tempo intensivo (BERGSON, 1964).

Independente disso, nos conceitos de *presente* e *atual* todo o mundo habita, ou deixa de habitar, indiferenciadamente no instante, servindo de forma aberta para dizer qualquer "hoje". Não há uma distinção estilística dos modos de habitar esta temporalidade. Poder-se-ia falar presente em um texto de Santo Agostinho (contrapondo-o à eternidade divina fora do tempo), falando do instante segundo uma maneira própria à religiosidade medieval; como se poderia falar de presente em um texto de Nietzsche, como definidor da temporalidade em que as forças se efetuam em sua vontade de potência.

Do mesmo modo, *atual* refere-se a qualquer configuração das virtualidades atualizadas, não fazendo distinção para os modos de atualização construídos no tempo. Enfim, poder-se-ia falar que, em ambos, não se encontram inerentes ao conceito as diferenças entre estes diversos presentes, atualidades e hoje. Ao compreendermos que *contemporâneo* não é mero sinônimo de *atual*, *hoje*, ou *presente*, mas que possui alguma relação com estes, passamos a perguntar que diferença afirma esta palavra?

Assim como *moderno* é utilizado para adjetivar o tempo enquanto uma estilística de substancializá-lo, um modo de habitar a temporalidade, e não pode ser reduzido a uma fase histórica, do mesmo modo que qualquer platô histórico não pode ser resumido a uma estilística existencial, creio que o conceito de *contemporâneo* cumpre a mesma operação: um modo de criar um mundo determinado, uma ontologia, inventando valorações e definições ético-estético-epistêmicas. Assim, a utilização destes conceitos, como demarcadores históricos de fases, é a operação de uma perspectiva que afirma a preponderância de certo modo de cortar o caos em um momento: uma determinada configuração de forças do presente em suas relações com passado e futuro, ou do atual em suas relações com o virtual. É, antes, portanto, um modo, uma estilística existencial: quando adjetivamos uma obra filosófica, artística ou arquitetônica como *moderna* ou *contemporânea* sabemos que não estamos simplesmente as alocando em uma linha do tempo, e tampouco definindo um conjunto por critérios univocizantes do mesmo. Mas qual seria a especificidade afirmada no corte operado pelo conceito de *contemporâneo*?

DO CONTEMPORÂNEO

Muitos são os pensadores que se debruçam sobre a pergunta feita por Kant, e deslocada por Foucault: qual é o campo das experiências possíveis em nosso tempo, suas condições de possibilidade e as estratégias para lidar com estas. Uma trama conceitual se erige aí, cerzada por uma multiplicidade de conceitos que se acoplam ao hoje para afirmar um determinado jogo de visibilidades sobre este: sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), sociedade de controle (DELEUZE, 1992), pós-modernidade (LYOTARD, 1986), sociedade do consumo (Baudrillard, 1995), era do acelerador (VIRILIO, 1994), império (HARDT; NEGRI, 2004), modernidade líquida (BAUMAN, 2001), hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2004), sociedade da informação, capitalismo pós-industrial etc.

Alguns destes arranjos conceituais se baseiam focalmente em algumas mudanças nas configurações estratégicas do plano da atualidade contemporânea, para daí desdobrarem suas ressonâncias. Este é o caso dos conceitos *pós-industrial* e *sociedade da informação*, que se atêm a transformações técnicas relacionadas a novos mecanismos de dispersão de signos eletromagnéticos e transformações econômicas como a predominância do terceiro setor na criação-circulação de capital.

Em seus desdobramentos sobre outras tantas práticas se acoplam a conceitos como o de sociedade mediada por imagens e relações de consumo com fins à felicidade e ao espetáculo (Debord e Baudrillard). Isso segundo uma velocidade e imaterialidade crescentes do mundo vivido, que passa a ser um esquema gráfico do mesmo (Virilio), permitindo fluidez de constante rearranjo das forças para a mais eficaz e imediata captura do desejo (Bauman). Uma decodificação flexibilizante das formalizações das interações sociais segundo uma axiologia capitalista que intensifica microcapturas e potencializa a fuga (Deleuze), constituindo um sistema englobante e diversificado, sem fronteiras internas ou externas para lógica do capital (Hardt e Negri), mas todo fragmentado na multiplicidade de jogos de linguagem, de lógicas e estéticas imiscíveis e sem qualquer grande narrativa para borrar as diferenças irreduzíveis (Lyotard).

Vemos, então, uma estilística que já não imprime um espaço-tempo unívoco e uniformizado no ímpeto de universalidade e eternidade perante um caos das contingencialidades. Antes, reafirma-o em sua casualidade construída no tempo. Um tempo e história não unificados em um sentido teleológico, sem acumulação ou esvaziamento. Sem quadros definidores de verdades totais a partir das quais se pode inteligibilizar e julgar qualquer fenômeno, gosto etc, vê-se a estes como arranjos dinâmicos formados na história de seus fluxos constituidores e naturalizados em um determinado jogo lógico ao qual pertencem. Nada é natural enquanto dado por si ou auto-evidente, tudo é construído e naturalizado em um tempo-história de ilimitados sentidos, rumos e direções possíveis.

Enquanto a temporalidade moderna é estar à frente do seu tempo, apagando com a força do seu impacto as forças mnemônicas do que existia antes; ser contemporâneo é afundar-se na rede, nos seus tempos diversos, investigar estilos esquecidos e trazê-los à tona em sua estranheza *rétro* (nada mais contemporâneo do que algo *rétro*) para compor novas variações sem apego a suas formas tradicionais. Assim, em vez de estar à frente do seu tempo, o contemporâneo habita a conjunção dos diversos tempos que constroem seu instante, buscando uma customização temporal a partir desta heterogeneidade flexível e singular. Perambula-se mais pelas tramas virtuais da rede temporal, complexificando as tendências de atualização.

Um dos nomes deste contemporâneo, como foi visto, é *pós-modernidade*. Segundo alguns autores (URDANIBIA, 1994), existem duas perspectivas distintas sobre o prefixo *pós*, ali colocado de forma tão polêmica: o *pós* de oposição, que nega, e o *pós* de desconstrução, que adentra. Desconstrução, desmistificação, desnaturalização, genealogia-arqueologia, anamnese, são diversos conceitos presentes no pensamento contemporâneo e que afirmam um modo contemporâneo de perguntar-se sobre a atualidade.

A anamnese de Lyotard é um processo de mergulho no tempo para descobrir as ligações contingentes executadas de modo não deliberado (inconsciente) pelo social, e que, com sua compreensão e deslocamento, pode possibilitar a descoberta de sentidos escondidos que, por sua vez, possibilitarão novos sentidos. Já o conceito de desconstrução em Derrida (1989) o atrela a uma genealogia conceitual da construção dos sistemas de oposição, adotando uma posição "terceira" (uma indizível exterioridade do sistema de oposições) perante esse e visibilizando o que ele poderá, na história, ter dissimulado ou proibido.

Ainda que convergentes em vários pontos como a busca da rede contingencial de conceitos, sensibilidades, fazeres etc., que sustentam um modo de mundo determinado, para assim, de certa forma, delatar sua casualidade quase arbitrária e visibilizar as possibilidades de mudança no contemporâneo, há uma clara distinção entre a anamnese e a desconstrução para com a genealogia-arqueologia foucaultianas, ao tentar, esta última, priorizar em sua empreitada a ausência de julgamentos de legitimidade, presentes na pressuposição da descoberta de algo escondido (anamnese) ou proibido e dissimulado (desconstrução).

Mas todos afirmam este outro modo de se relacionar com o espaço-tempo e de perguntar o que é a atualidade e qual seu campo de experiências possíveis. Não mais apagar o passado na direção de um futuro ou valorizá-lo engessado como tradição, mas sim se voltar para ele sem receios de profaná-lo. Afundar-se no tempo, mas sem sair do presente intenso e não vazio. Adentrar nos tempos cujas linhas cá estão nos formando: nossos tempos contemporâneos. Emaranhar-se nestas linhas, pois, de nada adianta esquecê-las em nome de um salto para o futuro, lá estão elas, ainda, contendo e estimulando com suas amarras materiais e imateriais. Emaranhar-se, mas sem medo de tocá-las com a própria carne e sangue, sem medo de rompê-las com nosso martelo, maculá-las com a sujeira de nossa perspectiva nada asséptica, afinal, voltar-se para o emaranhado e neste enodar-se com um culto ao mesmo, somente nos torna ainda mais presos às linhas do passado, limitando mais ainda nossa nuvem virtual de possíveis.

O presente, quando cortado pela estilística contemporânea, torna-se então o instante gordo do tempo intenso (BERGSON, 1964). O atual que é constituído por todas as contingências do passado e possibilidades do futuro que se colapsam no instante sempre a recriar sua duração. Estamos nos recriando a todo instante, e nesta perspectiva perguntar-se do hoje é mergulhar nos tempos diversos para reconstruir nosso arranjo de forças presente como uma obra de arte.

Ciências humanas e contemporaneidade

Adular a tradição marcada na memória e venerá-la com os rituais do cotidiano é próprio ao homem do ressentimento (NIETZSCHE, 1999b), apegado a abrir labirintos de interioridade, nos quais se perde em devaneios que lhe garantem a impossibilidade da ação, de abrir-se ao risco de reinventar-se. Exatamente o contrário do que aqui se pretende com este movimento de desnaturalização dos sistemas, das coisas, das pessoas, enfim, de nosso mundo como o vivemos. É um movimento de sair de casa: "acordar pela manhã na casa de um estrangeiro" (LISPECTOR, 1998).

Ao perguntarmo-nos sobre o agora contemporâneo, operamos uma relação de desnaturalização com os fazeres, saberes e existires, que deslocam os jogos de visibilidade-invisibilidade, inteligibilidade-ininteligibilidade que presentificam aqueles. Deste modo, permite-se o deslocamento do óbvio, do natural, aquilo que nos é invisível exatamente por ser mais próximo, menor ainda que extremamente abrangente. Torná-lo exótico, estranho ao nosso olhar que passa a vê-lo, e questionar a rede contingente que suporta sua existência sem necessidade ou causas suficientes.

Pois, é visibilizando pelo estranhamento a rede de relações de saber-poder que constroem nosso tempo, que conseguimos não apenas compreender as condições de possibilidade que lhe dão suporte, mas também abrir o campo de possibilidades de reinvenção dos arranjos de fluxos que constituem nossa atualidade. É quando *desnaturalizamos* os sistemas de legitimidade segundo o qual existimos (com a arqueologia e a genealogia), que visibilizamos os pontos estratégicos do atual, os quais devem ser problematizados para intensificar a abertura às virtualidades diversas que estão atualizando o presente.

Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios
Desinventar objetos. O pente por exemplo.
Dar ao pente funções de não pentear. Até que
Ele fique à disposição de ser uma begônia.
Ou uma gravanha
Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.
(...)
(BARROS. 2001)

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manuel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Ed. 70, 1995.
- BERGSON, H. **A evolução criadora**. Rio de Janeiro: Delta, 1964.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1997.
- DELEUZE, G. **Conversações, 1972-1970**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques. **La desconstrucción en las fronteras de la filosofía** : la retirada de la metáfora. Barcelona: Paidós, 1989.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. O que é o iluminismo. In: ESCOBAR, C. H. (Org.). **Dossier Foucault**. Rio de Janeiro: Taurus, 1989, p. 103-112.
- _____. O que é a crítica. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. **Bulletin de la Société Française de Philosophie**. Tradução Gabriela Lafetá Borges, revisão Wanderson Flor do Nascimento. 82, n. 2, p. 35-63, avr.-juin, 1990. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/>>.
- _____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Ed. Barcarolla, 2004.
- LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LYOTARD, J-F. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1986.
- NIETZSCHE, F. **Obras incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999a. (Os Pensadores).
- _____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999b.
- URDANIBIA, I. Lo narrativo en la posmodernidad. In: MARDINES, J. M; VATTIMO, G.;
- _____. **En torno a la posmodernidad**. Barcelona: Ed. Anthropos, 1994.
- VIRILIO, P. O último veículo. **Revista 34 Letras**, Rio de Janeiro, n. 5/6, set. 1994.

Endereço para correspondência

Luis Artur Costa
E-mail: lartur@cpovo.net

Tânia Mara Galli Fonseca
E-mail: tfonseca@via-rs.net

Recebido em: 18/06/2007
Aprovado em: 10/09/2007
Revisado em: 27/09/2007